

“OS DESVALIDOS”: IMAGENS DO SERTÃO NORDESTINO.

Aldair Smith Menezes *

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo descortinar como as imagens do sertão presentes na obra “Os Desvalidos”, do escritor sergipano Francisco José Costa Dantas, aludem discussões sobre o imaginário social a respeito do sertão e dos sertanejos. Imagens que revelam quadros sócios de memória apropriados para fabricar lembranças. O romance imprime uma narrativa sobre o sertão entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, apresentando as angústias, os dilemas e as perspectivas de homens e mulheres premidos por uma modernidade inconclusa e excludente. A partir da história do personagem Coriolano, homem simples de caráter forte e valores firmes, o narrador desvela um momento peculiar da história do sertão nordestino marcado pela seca, pela miséria e pelo cangaço.

Palavras-chave: História, literatura, memória, sertão, cangaço.

Abstract: This communication aims to uncover how the images of the sertão in the book "Os Desvalidos", written by José Francisco Costa Dantas from Sergipe, allude discussions on the social imaginary about the sertão and sertanejos. Images that show pictures of social memory to make individual memories. The novel shows a narrative about the sertão between the end of the nineteenth century and first half of the twentieth century, with the anguish, the dilemmas and perspectives of men and women pressed by a inconclusive and exclusionary modernity. From the history of the character Coriolano, simple man of strong character and strong values, the narrator reveal a peculiar moment in the history of the northeastern backlands marked by drought, misery and the cangaço.

Keywords: history, literature, memory, sertão, cangaço

I – Um grito sinalizador

Canta tua aldeia e serás universal.
(Leon Tolstoi)

O romance *Os desvalidos*, de Francisco José Costa Dantas, tem início com um grito: “Lampiãããã, morreeeu!...” (DANTAS, 1996, p.11). Esse grito é portador de muitos significados, pois, enquanto estrutura significante ele é em si portador de uma potência, logo as múltiplas significações que o envolvem, tanto no aspecto da forma, quanto no aspecto do enredo, permitem leituras variadas. Grito que expressa vários ângulos a um só tempo, em um espaço onde, a partir de então, sua percepção é marcada. Tem-se a demarcação do tempo, do espaço, dos personagens, da vida, da morte e da memória. Tudo isso expresso em um único

* Mestranda em Letras/NPGL/UFS. Profª. da SEED de Sergipe e da SEMED de Aracaju. E-mail: aldairsmith@uol.com.br.

fôlego. Uma expressão que indica a configuração de tempo e espaço sem que haja a necessidade de mensurá-los explicitamente. Desvendar as potências faz parte do trabalho do crítico literário. Crítico que revela aspectos muitas vezes despercebidos a um olhar inocente. Olhar que possibilita a compreensão parcial do dito e do não dito em um texto.

O nome de “Lampiãããã” faz referência a uma das representações culturais mais evidenciadas no Nordeste brasileiro: o cangaço. Um homem cuja vida e a morte foram contadas, cantadas, dançadas e escritas de diversas maneiras desde o cordel à música popular, passando pela dança, pela literatura, pela cinematografia, pelo teatro, pela história e pela memória. O termo “morreeeu!...”, por sua vez, configura um momento da história do Brasil, no qual o fenômeno social representado pelo cangaço começa a ceder espaço para uma nova forma de organização da sociedade e do Estado Brasileiro sob a égide da ditadura do Estado Novo.

A junção desses dois termos, “Lampiãããã morreeeu!...”, possibilita trazer da memória de um dos personagens-narrador do romance, Coriolano, lembranças suscitadoras de tensões, interesses e imagens dos cangaceiros dos grupos de Lampião, e particularmente da atuação de seu líder, no contexto sócio-cultural, temporal e espacial em que ele atuou na última fase de sua vida. Momento histórico marcado pelos imperativos do Estado Novo, entre o agreste e o sertão dos estados de Sergipe, sobretudo, e da Bahia e de Alagoas de modo complementar no final dos anos 30 do século XX.

No romance em apreço, é possível notar que a representação do cangaço emerge das profundezas do vazio para tomar corpo na narrativa que se desenrola a partir de um grito de desabafo, alívio e rememoração. Desde o início da obra esse grito rompe com a perspectiva do silêncio. O silêncio da própria obra, o silêncio da escrita, o silêncio da leitura e o silêncio da história. São esses os silêncios que são quebrados com esse grito vindo do vazio. É o real que se apresenta e, por isso mesmo, acaba, parcialmente, apreendido pelo simbólico. A irrupção no imaginário social ocorre com a ativação da memória social sobre o cangaço. A compreensão deste imaginário pode ser melhor dimensionada, no que tange a sua delimitação teórica, recorrendo-se a contribuição de alguns estudiosos sobre o imaginário suscitado pela memória e suas representações simbólicas.

Para Sigmund Freud, “as coisas mais importantes é que são recordadas” (1996a, p. 290). Isso acontece em quaisquer casos mesmo naqueles em que o material lembrado é algo sem valor emocional. Para que a premissa da relevância seja válida, ele explica que há na memória a tensão ente duas forças: uma que procura registrar o material importante e outra, a resistência, que tenta impedir tal registro. Esse conflito é resolvido com o registro de uma

imagem mnemônica deslocada, isto é, uma imagem diferente da original, mas, a esta imagem original, associada. Este entendimento possibilita, a Freud, afirmar que há uma espécie de “natureza tendenciosa do funcionamento de nossa memória” (FREUD, 1996b, p. 59). A memória individual irá fazer parte de um acontecimento cuja importância para o sujeito que a produz é inquestionável.

A memória possui um lado social, também. Nesse sentido, Maurice Halbwachs explica que a relação entre a memória individual e a memória coletiva ocorre quando há “muitos pontos de contatos entre uma e outra para que a lembrança que (...) faz recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum” (2006, p. 34). Esses pontos de contatos são conectados “a partir de dados ou de noções comuns” (ibidem, idem). Isso é o que irá garantir o reconhecimento e a reconstrução da lembrança. No entanto, ao fazer referência à memória histórica, reforça-se a questão quanto à importância do tempo e do espaço como fatores para estabelecer as condições de lembrança, posto que o sujeito não vive isoladamente e os acontecimentos sociais e seus eventos fazem parte das divisões temporais estabelecidas pela sociedade que constitui. Pois é na relação entre a continuidade, da memória coletiva, e da descontinuidade, da história, que o sujeito cria suas referências com seu grupo social e com o mundo.

Neste sentido, o cangaço resgata um elemento identitário que constitui não apenas a identidade quer sertaneja, quer nordestina, mas, principalmente, a identidade brasileira. Enquanto fenômeno social, o cangaço representa um traço marcante característico do Nordeste brasileiro, que envolve acontecimentos ocorridos em um período peculiar da história nacional. Período que revela o momento de transição porque passou o país de reino unido à monarquia independente, de monarquia independente a república. A passagem do regime monárquico para o republicano proporcionou uma quebra do poder governamental enquanto representação da unidade nacional. Período que abrange a mudança de poder das mãos do príncipe regente D. Pedro II para o primeiro presidente da república, o militar Deodoro da Fonseca. Mas este período envolve outros presidentes que fazem parte da República Velha, designação utilizada pelos historiadores para diferenciá-la do Estado Novo, fundada por Getúlio Vargas. A partir dessa periodização histórica, é possível compreender o surgimento desse fenômeno social específico do sertão nordestino: o cangaço. O cangaço é uma das temáticas responsáveis pelo surgimento na literatura brasileira do que ficou conhecido por regionalista. Franklin Távora, já em 1876, foi o primeiro a trabalhar com essa temática em o Cabeleira.

Esse fenômeno social aparece registrado não somente por historiadores nacionais e internacionais, mas em romances brasileiros tendo sua força concentrada durante as décadas de 1930 e 1945, na chamada corrente regionalista. Aos elementos que favoreceram o surgimento do cangaço pode-se acrescentar dados históricos ligados à estrutura sócio-poítico-econômica da região nordestina como o coronelismo, o mandonismo, e práticas patriarcalistas. Os fenômenos climáticos da região do semi-árido imprimem suas marcas no ecossistema e, ainda hoje, continuam a afetar a região dando-lhe o aspecto de uma região inóspita. Por causa disso, a seca tornou-se a imagem mais popular do sertão nordestino. Imagem que tomou proporções imensas, pois se tornou múltipla seja em telas de artistas plásticos, seja nos jornais, seja no cinema. No entanto, as imagens criadas pela literatura inundam as mentes dos leitores deixando marcas profundas, haja vista as imagens criadas por Guimarães Rosa, Raquel de Queirós, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, entre outros escritores, que permanecem no imaginário social.

Francisco José Costa Dantas não foge a regra. Em *Os desvalidos*, ele cria o personagem Cariolano para dar voz à trama que elabora como se estivesse contando um caso a partir de suas lembranças. Este personagem-narrador, homem simples e de valores firmes, em seu discurso descortina o impacto de acontecimentos que se desenrolam em um passado patriarcal, oligárquico premido por violência social resultante dos efeitos de uma modernização inconclusa sobre a cultura do homem e das mulheres do sertão (BRESCIANI, 2001: 403-430). Na obra em apreço, Dantas consegue esculpir uma estética literária em cuja universalidade do modo de ser, pensar e agir do sertanejo. Sua escrita dá vazão a lembranças vivenciadas e pesquisadas a respeito do sertanejo e do cangaço em Sergipe na primeira metade do século XX. Ao recriar o sertão nordestino imprime-lhe um caráter singular e é a partir da análise de seu texto será possível apreender tal singularidade.

Mas o que haveria de peculiar no discurso estético das obras de Francisco Dantas sobre o sertanejo e sobre o cangaço em Sergipe? Que aspectos do sertão, dos sertanejos e do cangaço são capturados em *Os desvalidos*? Como a análise de sua estética literária desnuda as relações sociais no sertão de Sergipe no período relacionado à primeira metade do século passado? Estas são algumas das questões que podem ser elaboradas para a realização de uma análise mais elaborada da obra. Pois ao revelar sujeitos, atitudes e cenários de uma época dessa região do país premida entre o apego aos valores de sua formação colonial e as demandas pós-coloniais da sociedade moderna (HALL, 2003:101-130), Dantas registra tensões sociais do período como a questão do Cangaço e de outras assimetrias de poder reveladoras das relações de tempo-espaço particularizadas pelos desdobramentos históricos e

culturais da primeira metade do século XX no Nordeste. O grito que dá início a obra *Os desvalidos* é um dos indicadores disto.

Para Roberto Schwarz (2007) esse tipo de particularismo histórico se associa as situações em que o desenvolvimento do capitalismo não conseguiu envolver plenamente indivíduos que presos a alguma forma de dominação, tradição ou costume não foram englobados pela idéia de cidadania consumista imposta pela sociedade de mercado.

A percepção literária deste misto de realidade histórica apreendida pelos escritores encontra no homem quixotesco, numa alusão a personagem Dom Quixote de Cervantes, a configuração dos processos de metamorfose e hibridismo resultante do encontro entre a tradição e a modernidade: duelo entre a palavra dada e a inserção em um futuro de “oportunidade” e “liberdades” em contraponto a valores de um passado que persiste e parece no querer ceder lugar aos valores de uma modernidade que se anuncia, mas reluta em se democratizar (VECCHI, 2001).

Pensando a partir deste horizonte de idéias, a pretensão deste artigo é estudar as representações literárias sobre o cangaço presentes em *Os desvalidos*, obra de Francisco Dantas, ao tempo em que busca estabelecer sua importância da construção na formação do homem e da mulher enquanto seres sociais cuja história coletiva é parte da memória compartilhada por todos a partir da associação à formação de uma identidade cultural valorativa da cultura do sertanejo, em particular do sertanejo em Sergipe.

II. O espaço fronteiro do sertão d’ *Os desvalidos*

O sertão a que o romance *Os desvalidos*, de Francisco José Costa Dantas, faz menção é o sertão nordestino onde ocorreu o fenômeno social do cangaço, precisamente entre século XIX até a década de 40 do século XX. A representação literária desse fenômeno social e desse um lugar volta-se para um tempo histórico premido, por um lado, por um Estado que havia deixado de ser unitário e centralizado, nos tempos do Império, para ceder lugar a uma República descentralizada, assentada sob princípios federativos, e marcada pelo patrimonialismo, mandonismo e clientelismo das oligarquias regionais e suas práticas coronelísticas. E, por outro, pela reconfiguração de seu pacto federativo em torno de um modelo centralizado sob a égide da ditadura do Estado Novo a partir do final dos anos 30. É entre as fissuras institucionais destes momentos da história nacional que o cangaço notabilizou-se como fenômeno social representativo do Nordeste entre o final do Império e o início do Estado Novo. Representação frequentemente presente na literatura nacional como

símbolo e estereótipo de um tempo da história e da cultura nacional, em particular, do Nordeste Brasileiro.

O Sertão Nordestino é uma área extensa que abrange grande parte de oito dos nove estados da região – Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia –, sendo caracterizado pelo clima semi-árido e por particularidades sociais, culturais e históricas. Em termos literários, suas características ímpares têm servido de inspiração para escritores que universalizam particularidades sociais e culturais deste espaço em diferentes momentos históricos. A exemplo de escritores como Franklin Távora, José Lins do Rego, Raquel de Queiroz e Graciliano Ramos, Francisco José Costa Dantas, também, apropria-se de representações sobre o sertão para esculpir um estilo literário. Este escritor oriundo da região agreste do Estado de Sergipe, utiliza-se de algumas representações desse material sertanejo para constituir, ao tempo em que é, igualmente, por ele constituído, particularmente, das representações relacionadas ao cangaço. Neste sentido, *Os desvalidos* é uma obra que, além de trazer essa característica do sertão como um espaço particularizado por representações, desvenda, ainda, a figura de um destacado protagonista social do Sertão Nordestino no tempo do cangaço: a figura de Virgulino Ferreira, o Lampião.

A “saga” de Lampião entrelaça, dessa forma, uma teia de significados narrados pelos personagens, criados por Dantas, na obra em apreço. A singularidade das “façanhas” atribuídas a Lampião possibilita e potencializa a construção de narrativas diversas. Narrativas que transcendem a convencional antinomia do herói e do bandido, passando a explorar o cangaço “por dentro”, humanizando o cotidiano dos homens e mulheres que constituíram o bando daquele famoso cangaceiro, e também “por fora”, dimensionando, através dos personagens do romance, como os sertanejos comuns lidavam com as “artimanhas” do cangaço entre o desenrolar do final da Primeira República e o início do Estado Novo.

Definir o sentido dado ao termo sertão requer a decifração de um enigma imposto pelo imaginário social que, ao mesmo tempo em que imprime uma percepção de hostilidade do meio, observa a presença marcada do homem que insiste em viver nesse lugar. As representações do sertão na literatura geralmente vão a este espaço-tempo para designar-lhe o sentido. Sentido percebível em *Galiléia* (2008), de Ronaldo Correia de Brito, obra cujas temáticas são de cunho contemporâneo, mas ao fazer referências a esse período histórico revela a necessidade expressar o pertencimento a uma terra, a um lugar, a uma nação. Literariamente, pode-se dizer, que a representação desse espaço-tempo constitui e é constituinte do processo de identidade cultural do sujeito seja sertanejo, seja nordestino, seja brasileiro.

A respeito desse espaço imaginário, o personagem-narrador Coriolano experimenta as agruras de sua vida: entre o sucesso e a miséria, entre o moderno e o antigo, entre a dor e a alegria. É o reflexo de um tempo de mudanças no qual a adaptação a uma nova dinâmica do mercado capitalista. O sertão criado por Francisco José Costa Dantas é um sertão não tão seco. Um sertão que fica à margem de algum lugar e que ao mesmo tempo é o contraponto da cidade de Rio-das-Paridas. Um sertão onde a terra e a memória caminham juntas. Um lugar mitificado onde as lembranças do passado são alentos para o presente. Um passado cuja principal função é estabelecer um referencial para a vida de seus personagens. Coriolano fugiu das terras que João Coculo, seu pai, comprara, pois não queria ficar ali cavando um chão seco e remoendo a difícil arte de viver. Esse chão é o Aribé, lugar concebido para ser o ponto de referência de Coriolano. Um exemplo pode ser observado na passagem em que Coriolano ao regressar para o Aribé, monta seu rancho com a ajuda do amigo e compadre Zerramo.

permanecer atrelado a este pedaço de terra, mesmo quando se matava a cavar de suas entranhas o sustento de meninote, (...) quando este esconso, que logo batizou de Aribé, era um esquisitão, um casco de terra ainda virgem, habitado penas pela bicharada miúda, irmanada com os arbustos e árvores nativas. (...) Sabia que a zona era pedregosa, era esvaída, era ruim, mas o dinheirinho não chegava pra uma capoeira mais prometodora,” (DANTAS, 1996, p. 140).

Mas que tipo de terra é esse Aribé? Coriolano refere-se a essa terra comprada por seu pai, João Coculo. Uma terra comprada com o pouco dinheiro de que dispunha e que se não era dos melhores, mas servia para dela retirar o sustento da família. Situação que viabilizava a independência sócio-econômica da família de Coculo. Ao comprar essa terra, o chefe da família Coculo vislumbrou as possibilidades de riqueza, orgulho e respeito que teria socialmente: seria alguém com terra. Estaria agora com uma nova possibilidade de vida para si e para os seus. Caberia trabalhar e defender seus sonhos. Encontrar-se nesse lugar é muito significativo, pois, não estaria sob o julgo de algum coronel. Seus filhos teriam um lugar para, com o próprio suor, garantir a sobrevivência.

Considerações finais

Para Dantas, o sertão é um espaço-tempo social escrito a partir de memórias: quer sejam as suas próprias, quer sejam as de seus correligionários, para emprestá-las a seus personagens e fazer delas a personificação de fatos históricos em uma narrativa ficcional. Por

isso, ele fala de uma época e de um lugar específicos, singularizados na trama de personagens representativas do modo de ser, pensar e agir dos homens e das mulheres do sertão retratados na universalidade de sua vida cotidiana pela sobrevivência.

Em *Os Desvalidos* esse tempo e lugar da história nacional aparecem literariamente ainda mais recortados. Dantas fala de um sertão fronteiro entre as zonas agrestes do Estado de Sergipe, lugar central no qual se desenrola o romance, e dos Estados de Alagoas e da Bahia, de modo complementar. E de um tempo histórico marcado pelas expectativas de mudanças que começava a se impor pelo Estado Novo. Tempo e espaço histórico singularizados por aquela que veio a ser a derradeira fase da atuação de Lampião e de seus bandos. Além da riqueza estética do romance, das singularidades das falas de seus personagens-narrador, a demarcação desta condição fronteira do lugar, do tempo e da fase que o cangaço, enquanto fenômeno social passava, aponta uma das peculiaridades desse romance que expressa algumas imagens do Sertão Nordeste.

REFERÊNCIAS

- BRESCIANI, Stella. "Identidades inconclusas no Brasil do século XX – fundamentos de um lugar-comum" in: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2001, pp.403-430.
- BRITO, de Ronaldo Correia de. *Galiléia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. *Quem foi Lampião*. Recife: Ed. Stahl; Zürich: Paulo: Duas Cidades, 2007.
- GRUNSPAN-JASMIN, Élise. *Lampião: senhor do sertão: vida e morte de um cangaceiro*. Tradução Maria Celeste Faria Marcones e Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: EdUsp, 2006.
- DANTAS, Francisco José Costa, *Os Desvalidos*. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- FREUD, Sigmund. *Lembranças encobridoras*. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. III, p. 285-304.
- _____. *Lembranças da infância e lembranças encobridoras*. Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. VI, p. 59-66.
- HALBACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução Beatriz Siou. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. "Quando foi o Pós-colonial?" in: SOVIK, Liv (Org.). *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Trad. Adelaide La Guardiã Resende et al. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Brasília: Representações da UNESCO no Brasil, 2003, pp. 101-130.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- SCHWARZ, Roberto. "Desapareceu a perspectiva de um progresso que torne o país decente" in: *Folha de São Paulo*, 11 de agosto de 2007.
- VECCHI, Roberto. "A insustentável leveza do passado que não passa: sentimento e ressentimento do tempo dentro e fora do cânone modernista" in: BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia (Org.). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: UNICAMP, 2001, pp. 457-469.
- Z Aidan Filho, Michel. *O fim do Nordeste e outros estudos*. São Paulo: Cortez, 2001.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- _____. *Palavras-chave: um vocabulário e cultura e sociedade*. Tradução Sandra Gardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.